

JACQUES LACAN
L'INSU-QUE-SAIT DE L'UNE-BÉVUE S' AILE A MOURRE
SEMINÁRIO DE 16 DE NOVEMBRO DE 1976
AS IDENTIFICAÇÕES
Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller

Vocês souberam ler o cartaz? O não-sabido-que-sabe - isso evoca e eu traduzi em seguida o *Unbewusst*, dizendo que havia *de*, no sentido do partitivo, que havia do um-equívoco.

O um-equívoco é uma tradução tão boa do *Unbewusst* quanto qualquer outra, como o *inconsciente*, em particular, que em francês, e em alemão também, equivoca com a *inconsciência*. O inconsciente não tem nada a ver com a inconsciência, desde então porque não traduzir tranquilamente por *um-equívoco*?

Um sonho constitui um equívoco como um ato falho ou um chiste, excetuando que a gente se reconhece no chiste porque ele comporta o que eu chamei alíngua. O interesse do chiste para o inconsciente está ligado a aquisição d'alíngua.

Porque é que a gente se obriga, na análise dos sonhos, a limitar-se ao que se passou na véspera? Não é bem assim. Sem dúvida Freud fez disto uma regra, mas conviria perceber-se que há muitas coisas que não somente podem ser remontadas mais além, como conservam o que se pode chamar de o próprio tecido do inconsciente. A mesma questão pode ser colocada a propósito do ato falho - é esse um assunto para se analisar somente segundo o que se passou durante o dia?

Este ano, digamos que com este que o *não-sabido-que-sabe do um-equívoco*, tentei introduzi algo que vai além do inconsciente. Que relação há entre isto, que é preciso admitir, que temos um interior, que se chama como se pode, psiquismo, por exemplo - a gente vê o próprio Freud escrever endopsiquismo, e isso não é óbvio, que a psique seja *endo* e que seja preciso endossar ente *endo*! - que relação há entre este interior e o que correntemente chamamos de identificação? Aí está o que coloco como meu título deste ano.

A identificação é o que se cristaliza numa identidade. Esta ficção em alemão é enunciada de outra maneira - *Identifizierung*, diz Freud. Se percebi ter esquecido meu seminário sobre a *Identifizierung*, lembro-me muito bem que há para Freud pelo menos três modos de identificação, a saber - uma identificação a qual ele reserva, não se sabe bem porque, a qualificação de amor, é a identificação ao pai - uma identificação feita de participação, que ele anexou à identificação histérica - e depois aquela que ele fabrica com um traço, que outrora traduzi como unário.

O traço unário nos interessa porque, como Freud sublinha, não tem nada de especial a ver com uma pessoa amada. Uma pessoa pode ser indiferente, e no entanto um dos seus traços será escolhido como constituindo a base de uma identificação. É assim que Freud crê poder dar conta da identificação do bigodinho do Führer, que como todos sabem representou um papel importante.

Esta questão tem muito interesse porque a partir de algumas afirmações resultaria que o fim da análise seria identificar-se ao analista. Eu pessoalmente não penso assim, porém é isso que Balint sustenta e isso é muito surpreendente.

A que pois a gente se identifica ao fim da análise? Identificar-se-ia a seu inconsciente? É o que não creio, porque o inconsciente permanece - não digo *eternamente* porque não existe nenhuma eternidade - permanece o Outro. Não vejo como se possa dar um sentido ao inconsciente, a não ser o de situá-lo neste Outro portador dos significantes que controla os cordões do que se chama imprudentemente o sujeito - *imprudently* porque aí se levanta a questão do que é este sujeito desde quando ele depende tão inteiramente do Outro.

Em que consiste essa situação que é a análise? Seria ou não identificar-se, tomando suas garantias de uma espécie de distância, a seu sintoma?

Propus que o sintoma pode ser o parceiro sexual. Na linha do que eu proferi, sem querer escandalizar, a saber, que o sintoma, tomado nesse sentido, é o que se conhece, e ainda o que se conhece melhor. Isto não é tão óbvio, este conhecimento, que deve ser entendido no sentido em que se propôs que bastaria que um homem deite com uma mulher para que a conheça, inclusive inversamente. Como, apesar de que me esforço, é um fato que não sou mulher, não sei o que é que uma mulher conhece de um homem. É bem possível que isso seja óbvio, mas mesmo assim não até o ponto de que uma mulher crie o homem. Mesmo quando se trata de seus filhos. Neste caso trata-se de um parasitismo - no útero da mulher tudo indica que a criança é parasita, até pelo fato de que pode não dar certo a relação entre este parasita e este ventre.

A partir disso, que quer dizer *conhecer*? *Conhecer* seu sintoma quer dizer saber fazer com, saber desvencilhar-se dele, manipulá-lo. O que o homem sabe fazer com sua imagem corresponde de algum modo a isto e permite imaginar a maneira como a gente se desvencilha do sintoma. Trata-se aqui do narcisismo secundário, que é o narcisismo radical, sendo excluído nesta ocasião o narcisismo que se chama primário.

Saber lidar com seu sintoma, é isso o fim da análise. É preciso reconhecer que isso é pouco. Como se o pratica? É o que me esforço para veicular nesta multidão, não sei com que resultados. Embarquei nesta canoa porque no fundo me provocaram - é o resultado do que foi publicado numa série especial de *Ornicar*? sobre a cisão de 53. Eu teria sido certamente muito mais discreto se isso não tivesse acontecido.

A metáfora em uso para o que se chama de acesso ao real, é o modelo. Lorde Kelvin, por exemplo, considerava que a ciência era algo em que funcionava um modelo, permitindo prever quais seriam os resultados do funcionamento do real. Recorre-se portanto ao imaginário para se fazer uma idéia do real - *se fazer (se faire)*, escrevam-no *esfera* (*sphère*) para saber bem o que quer dizer o imaginário.

O que propus em meu nó borromeano do imaginário, do simbólico e do real me levou a distinguir estas três esferas, estas bolas, e em seguida reatá-las. Enunciei o simbólico, o imaginário e o real em 54, intitulado assim uma conferência inaugural destes três nomes que se tornaram em suma para mim o que Frege chama *nome*

próprio. Fundar um nome próprio é uma coisa que faz subir um pouquinho o próprio nome próprio. Em tudo isso o único nome próprio é o meu. É a extensão de Lacan ao simbólico, ao imaginário e ao real que permite a estes três termos consistir. E não estou especialmente orgulhoso disso.

Eu percebi que consistir queria dizer que era preciso falar de corpo, que há um corpo do imaginário, um corpo do simbólico - é a língua - e um corpo do real do qual não se sabe como ele sai. Isto não é simples, não que a complicação venha de mim - ela está aí mesmo. E porque eu fui, como diz o outro, confrontado com a idéia que suporta o inconsciente de Freud, que tentei não responder a isso mas responder isso de modo sensato, isto é, não imaginado que esta avisão - isso de que Freud estava avisado - diz respeito a algo que estaria no interior de cada um, de cada um daqueles que fazem multidão e que, por isso, acreditam ser uma unidade.

Traduziu-se *Massenpsychologie* por *Psicologia coletiva*, ainda que Freud tenha partido expressamente do que Gustave Lebon chamou de psicologia das multidões. Coleção, coleção de pérolas sem dúvida, cada um sendo uma enquanto que se trata de dar conta da existência, nestas multidões, de algo que se qualifica *eu*.

O que pode ser esse eu? Para tentar lhes explicar isso, imaginei este ano o uso de uma topologia.

Uma topologia sempre se baseia num toro, mesmo se esse toro é na ocasião uma garrafa de Klein - uma garrafa de Klein é um toro que se auto atravessa.

No toro (figura 1), há duas espécies de furos - um que representa um interior absoluto, o outro que se abre ao que se chama o exterior. Isso questiona aquilo de que se trata quanto ao espaço. O espaço passa por extenso, pelo menos em Descartes, mas é a idéia de uma outra espécie de espaço que nos funda o corpo. Este toro não parece ser um corpo, mas vocês vão ver que basta revirá-lo. Não como se revira uma esfera - um toro se revira de uma outra maneira.

Peguem a câmara de ar de um pneu pequeno e façam um corte aqui (figura 2). Vocês verão que o pneu se presta a essa maneira de se enfiar neste cofre, se posso dizer, resultante do corte...

Isto não parece deslumbrar a aprovação de vocês. Basta fazer uma tentativa com estes dois toros tricotados (figura 3). Se num destes toros vocês praticam a manipulação que lhes expliquei, isto é, se vocês fazem aí um corte, os toros se reencontram acoplados, um no interior do outro. Algo no segundo se revira, que está exatamente em contigüidade com que resta de interior no primeiro. Que quer dizer reviramento? Que doravante seu interior passa ao exterior. Enquanto aquele que designei como o primeiro fica imutável - seu exterior tal como se coloca na alça permanece no mesmo lugar.

Ainda que estas coisas sejam muito incômodas e muito inibidas de se imaginar, penso ter-lhes veiculado o que se trata na oportunidade.

O que aqui se apresenta como um trico (figura 4), não deixa de ser um toro. De onde vem esse toro-trico? O furo que eu praticava no toro (cf. figuras 1 e 2) pode ser feito em qualquer lugar. Se eu corto aqui, ele se revira da mesma maneira. Se, ao invés de fechar o corte único, juntam-se os dois cortes, obtém-se este aspecto de trico.

Eis aí o que hoje - e confesso que isso não é um alimento fácil - eu queria lhes trazer, ou seja, duas maneiras de redobramento do toro. Acrescentem aí uma terceira.

Suponham um toro num outro toro. A mesma operação é concebível, um corte num, outro noutro. O redobramento deste dois toros nos dará um mesmo trico, salvo que desta vez, para os dois, o interior estará no exterior.

Como designar de maneira homóloga as três identificações distinguidas por Freud, a identificação histérica, a identificação amorosa dita ao pai e a identificação que chamarei neutra, aquela que não é nem uma nem outra, a identificação a um traço particular, a um traço que chamei qualquer, a um traço que seja apenas o mesmo? E como repartir estas três inversões de toros, homogêneos em sua prática e que, além disso, mantêm a simetria entre um toro e um outro.

Eis aí a questão sobre o qual eu gostaria que vocês tivessem, da próxima vez, a bondade de tomar partido.

Tradução de Jairo Gerbase, 26/09/85.

Revisão de Jairo Gerbase, 26/06/99.